



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17337 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**POR UM CURRÍCULO DECOLONIAL E SUAS POSSIBILIDADES: PERCEPÇÕES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL EM CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM/ES**  
 Euza Alves de Souza Tesch - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
 Helen Moura Pessoa Brandão - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**POR UM CURRÍCULO DECOLONIAL E SUAS POSSIBILIDADES:  
 PERCEPÇÕES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL EM CACHOEIRO  
 DO ITAPEMIRIM/ES**

Este resumo objetiva reportar reflexões de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar os movimentos/práticas curriculares afro-brasileiras no cotidiano de uma Escola da Rede de Ensino Fundamental de Cachoeiro de Itapemirim/ES. Neste sentido, o trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa em uma perspectiva cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2020) e a análise de dados aconteceu no decorrer da pesquisa, durante a produção dos dados e em diálogo com os intercessores teóricos.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram 21 estudantes da turma do 2º ano do Ensino Fundamental no turno matutino e 13 professoras da escola, identificados com nomes fictícios escolhidos aleatoriamente como codinomes de personalidades negras, que mais tocaram a autora e na leitura de suas histórias. Para produção de dados utilizamos como ferramentas: a observação, o diário de campo, as redes de conversação e a consulta documental como um complemento da pesquisa.

Na pesquisa cartográfica, ao seguir as pistas através da análise do Projeto Político Pedagógico da escola, falas das professoras, estudantes e observações relatadas em um diário de campo, consideramos que a falta de um currículo decolonial contribui para a reprodução contínua de racismos, violências, desigualdades sociais e a manutenção de hierarquização dos saberes nas escolas. Como demonstra o presente enunciado registrado na fala de uma

professora: “pessoas negras e pobres que querendo ou não, essas classes são marginalizadas. Então, é importante que o currículo seja colocado de forma efetiva a inclusão, não só no papel, mas de uma forma pragmática” (DIÁRIO DE CAMPO, 03/10/2023). Segundo Sebastião (2021), isso é reflexo do período do colonialismo e da presença do eurocentrismo que deixou marcas nos países colonizados descaracterizando “tais como os povos sem identidade histórica, sem cultura própria, a segregação social e o racismo, especialmente, em relação aos negros e aos índios”.

Nesse contexto, Carvalho e Rangel (2013) nos auxiliam a pensar em um currículo que busca subverter a lógica monocultural, que nos coloca em questão problematizar as invisibilidades, contextualizar as explorações que tiveram seu início com a invasão portuguesa e colonização imposta aos povos originários. Nessa perspectiva, é indispensável considerar suas implicações no campo educacional, visto que a escola é um espaço cultural de criação, aprendizados e diferenças. O currículo não é neutro e as práticas escolares se apresentam como uma relação de poder, que podem perpetuar ações a favor de um sistema capitalista que se mantém através da subalternidade de alguns povos.

No decorrer da pesquisa, observamos que os movimentos curriculares que aconteciam no cotidiano da escola seguem por caminhos que não condizem com uma proposta decolonial. Como neste trecho da fala de uma professora ao ser questionada sobre a presença da cultura afrobrasileira nas práticas escolares: “Se trabalha pouco, e só na época da consciência negra, fora isso não se trabalha, e quando se trabalha é com nosso livro didático, não está dentro do nosso currículo [...]. Só trabalha no Dia da Consciência Negra como disse a colega, deveria ser mais aprofundado” (REDE DE CONVERSAÇÃO, 03/10/2023), demonstrando o caráter pontual dessas ações.

As professoras *Maria Firmina* e *Lélia González* relataram que não há um trabalho em relação ao tema no currículo durante todo o ano letivo, mas reconhecem que deveria ser mais aprofundado. A escola, neste sentido, não busca desenvolver práticas decoloniais, sendo um espaço de não criticidade diante dos encontros com diferentes saberes que diferenciam os sujeitos de forma a reconhecer suas vivências e histórias de grupos e pessoais. Assim, se perpetua um currículo monocultural, tornando o espaço de apenas memorizar e aprender. Como afirma Garcia (2013, p. 105), o currículo “é reduzido a espaços de mera transmissão de um conhecimento marcado pelo eurocentrismo, controlado pelo sistema de avaliação que passa por todos os níveis de escolaridade”. Conforme as leis 10.639/03 e 11.645/08, a educação das relações étnico-raciais devem fazer parte de todo ano letivo perpassando por todas disciplinas, observamos o desconhecimento e não observância desta legislação.

Os autores Moreira e Candau (2003), retratam que a escola é um espaço cultural, onde as relações ali desenvolvidas precisam entrelaçar entre elas, com a finalidade de valorização dos sujeitos e a resignificação de práticas educativas. Compreender essas questões no currículo é indispensável, considerando suas implicações no campo educacional.

Diante disso, analisando as conversas e falas das professoras sobre ressignificação do currículo vigente, entendemos que a educação para relações étnico-raciais precisa ser repensada e suas práticas precisam ser “incorporadas” ao currículo, pois como a vemos, não atende a realidade da escola e dos alunos. Contudo, há possibilidades a partir do desenvolvimento de formações continuadas sobre essa temática, no fomento de discussões e transformações das práticas, planejamento coletivo e de políticas públicas, na criação de oportunidades curriculares que agregue a diversidade.

Todo esse debate destaca a fragilidade que persiste na formação dos professores, assim como o cumprimento das leis 10.639/03 e 11.645/08, que preconizam a inclusão do estudo da História afro-brasileira, indígena e africana nas instituições durante o ano letivo. Embora seja exigido o cumprimento de tal legislação, sua implementação nas práticas dos professores e alunos ainda não se consolidou de maneira efetiva, acontecendo pontualmente como afirma Untem (2021, p. 81), “as escolas ainda retratam a diversidade em momentos definidos, em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, o Dia do Índio, o dia disso ou daquilo”. Assim, a hegemonia europeia na sociedade se faz presente no currículo, este padrão do Brasil colonial se mantém no mundo contemporâneo através da colonialidade e mudar esse panorama é mais que necessário e urgente a fim de lutarmos por justiça social.

**Palavras-chave:** Currículo, leis 10.639/03 e 11.645/08, decolonialidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (v. 5). Porto Alegre: Sulina, 2020.

CARVALHO, Janete Magalhães; RANGEL, Iguatemi Santos. Currículos, Multidão e políticas de narratividade. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). *Currículo, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividade*. Petrópolis. RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupes Ufes, 2013.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; NUNES, Kezia Rodrigues. Currículos, culturas e cotidianos escolares in: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.). *Currículo, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividade*. Petrópolis. RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupes Ufes, 2013.

GARCIA, Franciele Caroline Pavão. *Currículo Escolar: perspectivas de estudantes do curso de Pedagogia*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco - Campo Grande, Mato Grosso Sul. 2022. 100 p.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio-ago, 2003.

SEBASTIÃO, Wagner Gomes. *Colonialidade e decolonialidade na educação profissional*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP. 2021. 85 p.

UNTEM, Henrique Rezende. *Currículo escolar: possibilidades interculturais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Campo Grande, 2021, 103 p.